



Suiane Costa Ferreira



Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

sucacosta02@gmail.com

DO PERIGO EM SE CRIAR HERÓIS: A DESUMANIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM MEIO À PANDEMIA

RESUMO

Em meio à pandemia gerada pela COVID-19 (Coronavirus Disease 2019), o cuidado direto às pessoas acometidas por esta doença é prestado por profissionais da saúde nos diferentes serviços. Enfermeiros, técnicos, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos e assistentes sociais são algumas das categorias que desenvolvem serviços essenciais e, por isso, estão expostas diariamente ao risco de contaminação. Em meio ao caos, medos e incertezas gerados por esta emergência sanitária, esses profissionais acabaram assumindo publicamente o papel de super-heróis, reforçado pela grande mídia, desconsiderando seu processo formativo e sua ética profissional. Desse modo, este artigo objetiva refletir sobre esse processo de heroificação vivenciado pelos profissionais da saúde durante a pandemia e suas consequências na formação profissional e no cuidado em saúde.

Palavras-chave: Super-herói. Profissionais da saúde. Pandemia. Desumanização.

THE DANGER OF CREATING HEROES: THE DEHUMANISATION OF HEALTH PROFESSIONALS IN THE MIDST OF THE PANDEMIC

ABSTRACT

In the midst of the pandemic generated by COVID-19 (Coronavirus Disease 2019), direct care for people affected by this disease is provided by health professionals in different services. Nurses, nursing technicians, doctors, nutritionists, physiotherapists, psychologists and social workers are some of the categories that carry out essential services and, therefore, are daily exposed to the risk of contamination. Amid the chaos, fears and uncertainties generated by this health emergency, these professionals ended up publicly assuming the role of superheroes, reinforced by the mainstream media, disregarding their formative process and professional ethics. Thus, this article aims to reflect on this process of heroization experienced by health professionals during the pandemic and its consequences on professional education and health care.

Keywords: Super-hero. Health Professional. Pandemic. Dehumanisation.

Submetido em: 20/05/2020

Aceito em: 06/07/2020

Ahead of print em: 09/07/2020

Publicado em: 18/08/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n28p63-76>



I INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, casos de pneumonia por causa desconhecida surgiram na cidade de Wuhan, na China, e, a partir da análise do material genético, constatou-se que o vírus causador dessa infecção era um novo betacoronavírus, inicialmente denominado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2019-nCoV. Tratava-se de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Posteriormente, o vírus passou a ser chamado de SARS-CoV-2, do inglês Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (BRASIL, 2020a).

Os coronavírus estão por toda parte e até as últimas décadas raramente causavam algo além de resfriado comum (OPAS, 2020). Esse novo coronavírus é o responsável por causar a doença COVID-19 (do inglês Coronavirus Disease 2019), uma infecção cujos principais sintomas são febre, fadiga e tosse seca, podendo evoluir para dispnéia e, em casos mais graves, Síndrome Respiratória Aguda Grave.

A COVID-19 se espalhou rapidamente pelo território chinês e, posteriormente, para outros países, como Itália, Espanha, Estados Unidos, Canadá e Brasil. Em janeiro de 2020, a OMS declarou a doença como uma emergência de saúde pública global e, em março do mesmo ano, passou a considerá-la uma pandemia (BRASIL, 2020a). O termo “pandemia” refere-se à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade, o que reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (OPAS, 2020).

Segundo dados do Painel Coronavírus (2020), desenvolvido pelo Ministério da Saúde para atuar como veículo oficial de comunicação sobre a situação epidemiológica no país, no dia 01 de julho, o Brasil possuía 1.448.753 casos confirmados da COVID-19 e 60.632 óbitos pela doença. Diante da indisponibilidade de medicamentos e vacinas específicas que curem e impeçam a transmissão do novo coronavírus, a OMS preconiza medidas de distanciamento social, etiqueta respiratória e de higienização das mãos como as únicas e mais eficientes medidas no combate à pandemia (BRASIL, 2020a).

O distanciamento social visa, principalmente, reduzir a velocidade da transmissão do vírus, pois diminui a interação entre as pessoas de uma comunidade. É uma estratégia importante quando existem indivíduos já infectados, mas ainda assintomáticos (sem sintomas) ou oligossintomáticos (poucos sintomas), que não se sabem portadores da doença (TELESSAÚDERS, 2020). Exemplos de medidas de distanciamento social são fechamento de escolas, universidades e mercados públicos; o cancelamento de eventos e o estímulo ao trabalho no modo remoto ou *home office*, a fim de evitar aglomerações de pessoas. Com isso, espera-se que o sistema de saúde tenha tempo para reforçar seus recursos físicos e humanos, a fim de atender às demandas de saúde da população.

Outras medidas também estão sendo implementadas no combate à pandemia, como a quarentena, que é a restrição de atividades ou separação de pessoas que foram presumivelmente expostas

ao vírus, mas que não estão doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação), podendo ser aplicada em nível individual (como entre os contatos domiciliares de caso suspeito ou confirmado) ou em nível coletivo (como na quarentena em um navio); o isolamento social, que consiste em separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados) das não doentes para também evitar a propagação do vírus. O isolamento pode ocorrer em domicílio ou em ambiente hospitalar, conforme o estado clínico da pessoa; o bloqueio total (também chamado *lockdown*, em inglês), que surge quando as medidas de distanciamento social, quarentena individual e isolamento foram insuficientes, consistindo na restrição da circulação da população de modo imposto pelo Estado, onde ninguém tem a permissão para entrar ou sair do perímetro isolado (TELESSAÚDERS, 2020).

Exercendo o cuidado direto às pessoas acometidas pela COVID-19, estão os profissionais da saúde. Enfermeiros, técnicos, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos e assistentes sociais são algumas das categorias que desenvolvem serviços essenciais e estão expostas diariamente ao risco de contaminação. Em meio ao caos, medos e incertezas gerados por esta emergência sanitária, os profissionais da saúde foram publicamente transformados em super-heróis desconsiderando seus processos formativos e a ética profissional.

Esse processo de heroificação amplamente divulgado pela mídia (veículos de notícias impressos/televisivos, publicidade e internet) influencia na formação da subjetividade dos profissionais da saúde e nas relações de trabalho. Desse modo, este artigo objetiva refletir sobre esse processo de heroificação vivenciado pelos profissionais da saúde durante a pandemia e suas consequências na formação profissional e no cuidado em saúde.

2 A HEROIFICAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Os super-heróis ficaram amplamente conhecidos através das histórias em quadrinhos nas primeiras décadas do século passado. Segundo Reblin (2005), sua popularização ocorreu entre 1929 e 1939 quando, historicamente, ocorria a grande depressão americana e os primórdios da Segunda Guerra Mundial.

Após a Grande Depressão, em 1929, os Estados Unidos da América (EUA) passavam por um delicado processo de recuperação econômica. Quando a Segunda Guerra Mundial iniciou na Europa, o clima do país era de não envolvimento em uma guerra distante, custosa e que não dizia respeito à América. Nesse contexto, em 1938 surge o primeiro super-herói, o *Superman*, dotado de poderes sobre-humanos e um forte senso de justiça e liberdade, emergindo como símbolo do ideal estadunidense em um momento de recuperação da confiança e da economia nacional. Em 1941, o ataque à Pearl Harbor pelos japoneses muda os rumos da Guerra e da política dos EUA, que declara guerra ao Japão. A repercussão

nos quadrinhos é imediata, surgindo o Capitão América, um super-herói concebido não mais como um alienígena, mas como um herói patriótico que lutava contra as potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial, estimulando os norte-americanos de carne e osso a também sacrificarem suas vidas na guerra (CORRÊA, 2019).

Para Reblin (2005), super-heróis são seres (humanos e não-humanos) com poderes extraordinários, além das qualidades inerentes aos heróis comuns, como a coragem e a força, buscando equilibrar a equação do bem versus o mal. Seus poderes podem ser inatos (quando deuses, alienígenas, mutantes) ou provenientes da tecnologia ou do contato com uma fonte de energia ou ainda da magia.

Os super-heróis resguardam a liberdade, a ordem, a justiça, o bem-estar físico das pessoas e surgem para atender aos anseios e desejos do ser humano de ultrapassar suas próprias barreiras e limites, superando os problemas imediatos. Desde março de 2020, vivemos oficialmente uma pandemia causada pela COVID-19 com números alarmantes de contaminação e mortalidade que colocam a sociedade frente ao medo iminente da finitude, sobre a qual não se possui nenhuma proteção ou gestão, performando a necessidade de criação de heróis salvadores para resolver os problemas e atender as aspirações e exigências sociais do momento. Segundo Schotten (2014), em períodos críticos os heróis exercem com maior intensidade o seu poder de atração por gerarem sentimento de esperança para a humanidade.

No dia 28 de abril, é celebrado o Dia Nacional do Super-herói nos EUA e a Marvel, que é atualmente a empresa responsável por uma das maiores franquias de super-heróis do cinema, resolveu prestar homenagem aos profissionais da saúde (médica, enfermeira e farmacêutica) e de áreas essenciais que “lutam” na linha de frente no combate à pandemia, como os policiais, produzindo uma ilustração que nos lembra a posição organizada por um grupo de super-heróis para iniciar o confronto em uma batalha.

A publicação da homenagem foi realizada nas redes sociais (Twitter® e Instagram®) da Marvel e dizia:

[...] o poderoso Universo Marvel é para onde vamos voar. É onde vamos construir, lutar, amar, aprender, chorar, sonhar. Mas as torres de Asgard e as luzes de Wakanda e a força do escudo do Capitão América e as imperfeições de Peter Parker e a compaixão de Kitty Pryde não são o resultado de uma geração espontânea. Essas pessoas, seus lares e suas virtudes, são encontradas primeiro no mundo, do lado de fora da sua janela. (JORNAL DE BOAS NOTÍCIAS, 2020).

Esta postagem evidencia uma relação de pertencimento, pois o herói vive em sociedade com os humanos, mas também de agenciamento (LATOURET, 2012), pois o mesmo estabelece conexões com os mortais e, a partir disso, desenvolve suas condutas e disposição constante para exercer o bem e evitar o mal. Super-herói e humanos não estão distanciados, pois intrinsecamente compartilham qualidades morais.

No dia 06 de maio, o Portal Terra® (2020) publicou uma matéria que noticiava a pintura de um artista de rua que estava sendo exposta no Hospital da Universidade de Southampton, no sul da Inglaterra.

Entre bonecos do Batman e do Homem-Aranha, um menino escolhe uma enfermeira como super-heroína para brincar, resumindo a gratidão que os britânicos estão sentindo pelo Serviço Nacional de Saúde durante a pandemia.

No dia 12 de maio, para lembrar o Dia Mundial da Enfermagem e do Enfermeiro, um hospital em Campinas elaborou uma série de ações incluindo a presença de pessoas fantasiadas de Capitão América e Homem-Aranha no hospital, a fim de homenagear esses profissionais que estão na linha de frente no combate ao novo coronavírus. (JORNAL CORREIO, 2020).

Esses são apenas três exemplos da associação direta que a sociedade e a mídia vêm fazendo entre os profissionais da saúde e os super-heróis, destacando nos noticiários palavras como lutar e combater. Magalhães, Silva e Batista (2007, p. 19) apontam que:

[...] a produção literária, particularmente, a ocidental sobre a figura do herói assenta-se no maniqueísmo, na unilateralidade e no sucesso do herói. Estes elementos são centrais para compreensão da criação discursiva do herói pela reiteração de determinados traços semânticos como a imortalidade, a invencibilidade, a superação do conflito moral e ético, incidindo sobre a ativação de um sentimento de identidade coletiva: o herói fala aos anseios de uma maioria, dá contornos precisos ao que num dado momento representa os seus anseios e angústias.

No dicionário Priberam *online* (2020), herói é um substantivo masculino que indica um personagem nascido de um ser divino e de outro mortal, um semideus. É um ser que embora até se pareça com humano possui algum super poder que o eleva à condição de não mais um mero mortal. Partindo dessa definição, os profissionais que estão na linha de frente no cuidado da saúde, diante da pandemia não são semideuses. São seres humanos que cursaram uma graduação na área da saúde, capacitados, treinados e especializados para exercerem suas profissões com ética e qualidade, guiados pela ciência.

Segundo Margarites e Sperotto (2011), todos os sujeitos e coletivos humanos, todas as tecnologias, instituições e produtos culturais produzem subjetividades, que nunca são “dadas” ou “acabadas”, mas sempre um processo. Assim, os diversos espaços por onde circulamos e os grupos com quem convivemos nos “co-produzem” como um determinado tipo de sujeito. O processo de heroificação, amplamente divulgado através da televisão, internet e redes sociais contribui para produzir nos profissionais da saúde novos modos de ser, novas subjetividades, ancorados na ideia de super poder, indestrutibilidade, individualidade e auto-suficiência, o que, por sua vez, aumenta a responsabilidade das instituições de ensino.

No espaço viabilizado pela universidade, os sistemas produtores de subjetividade formam sujeitos que atendem a determinadas demandas, levando-os a desenvolverem um conjunto de habilidades técnicas, repertórios culturais e demais ferramentas que serão utilizados em seu exercício profissional (MARGARITES; SPEROTTO, 2011). Alinhada às diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), as universidades produzem subjetividades opostas à ideia do herói, pois estão voltadas para o trabalho

multidisciplinar como forma de atingir o cuidado integral, tanto no sentido de dar conta dos aspectos curativos, preventivos e de reabilitação quanto em relação à transformação das práticas em saúde, passando da tutela para o acolhimento e o cuidado (PEREIRA; BARROS; AUGUSTO, 2011). Em meio à pandemia, as instituições de ensino são atravessadas por essa construção social de heroificação dos profissionais da saúde, mas enquanto dispositivos de construção de subjetividades, devem mobilizar atores, tecnologias e políticas cognitivas para formar profissionais da saúde que reconheçam a interdependência e complementaridade das ações de outros profissionais para melhorar a qualidade da assistência em saúde prestada.

Para Ornell et. AL. (2020) este *status* de super-herói transmite aos profissionais o reconhecimento do seu trabalho, mas por outro lado, acaba gerando uma pressão adicional, porque os super-heróis não falham, não desistem, não cansam. Contudo, os profissionais da saúde que estão na linha de frente no enfrentamento da pandemia cansam e adoecem, pois são os mais suscetíveis à contaminação. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020b), até o dia 14 de maio, o Brasil já registrava um total de 31.790 profissionais contaminados pela COVID-19.

A Medida Provisória (MP) nº 927 (BRASIL, 2020c) publicada no dia 22 de março, dispõe sobre as medidas trabalhistas a serem adotadas para enfrentamento do estado de calamidade e emergência de saúde pública de importância internacional decorrente da COVID-19. Esta MP permite que os trabalhadores da saúde façam jornadas sem limites de horas com direito à compensação em até 18 meses, que as empresas suspendam normas relacionadas à saúde e segurança no trabalho, e, assim, a heroificação dos profissionais da saúde permite impor a estes uma sobrecarga extenuante de trabalho.

Através de uma ação conjunta entre a Federação Nacional dos Enfermeiros e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde reivindica-se junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) a análise de inconstitucionalidade das regras trazidas pela MP nº 927/2020, que, segundo as entidades, afrontam o princípio da igualdade e proporcionalidade, o direito à saúde e à dignidade humana, protegidos constitucionalmente (CUT, 2020). Ao tomar os profissionais da saúde como heróis, incansáveis, fortes e infalíveis, mesmo diante de longas horas de trabalho estressante, perigoso e desafiador, reduzimos o cuidado direcionado para essas pessoas e aumentamos a possibilidade de erros na assistência à saúde, auto inoculação e absenteísmo por doença.

Nas histórias em quadrinhos, os super-heróis não adoecem e aqui reside um grande problema. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2020), no Brasil existem mais de dois milhões de trabalhadores da enfermagem atuantes, entre auxiliares, enfermeiros, técnicos e obstetrias. Neste cenário de pandemia, esses profissionais da saúde são os que mais correm o risco de serem infectados. De acordo com dados do Observatório de Enfermagem (2020) - site organizado pelo COFEN para concentrar os números de infectados, mortes e internações destes profissionais - até o dia 01 de julho

existiam 8.916 casos confirmados, 12.005 casos suspeitos e 227 óbitos entre os profissionais da enfermagem.

O *International Council of Nurses* (ICN, 2020) descreve que, em todo o mundo, mais de 260 profissionais de enfermagem já morreram e 90 mil estão infectados com o novo coronavírus. O ICN aponta ainda que a falta de transparência por parte dos governos sobre dados mais robustos sobre as taxas de infecção e mortes dos enfermeiros sugere uma subnotificação e essa falha coloca mais profissionais e pacientes em perigo.

No Brasil, já morreram mais enfermeiros pela COVID-19 do que em países como EUA, Itália e Espanha juntos. Para efeito de comparação, em maio de 2020, os Estados Unidos, país com maior número de vítimas da pandemia, perdeu 46 profissionais de enfermagem, segundo entidades de classe. A Itália teve 35 óbitos, de acordo com informações da *Federazione Nazionale degli Ordini delle Professioni Infermieristiche*. A Espanha teve apenas quatro óbitos entre profissionais da área, segundo o *Consejo General de Enfermería* (COFEN, 2020). É notável como o Brasil corresponde à maior fatia do total de óbitos na profissão em todo o mundo. (41,5%).

A pandemia pelo novo coronavírus evidencia um antigo problema do Brasil que agora tem prejudicado ainda mais a saúde dos profissionais de enfermagem. Historicamente, o setor da saúde vem apresentando situações como condições de trabalho precárias, o déficit de profissionais, a jornada de trabalho excessiva e o descaso dos governantes em relação aos direitos dos trabalhadores da enfermagem, que agora se intensificam diante dos problemas relacionados à pandemia, como falta de equipamentos de proteção individual (EPIs) e de capacitação para o manejo seguro, falta de testes de detecção, o não afastamento dos trabalhadores que fazem parte do grupo de risco (idade avançada, acima de 60 anos, e com comorbidades) e a falta de protocolo de atendimento para lidar de forma segura com o coronavírus. Um novo relatório da OMS, intitulado *The State of the World's Nursing 2020* (O Estado da Enfermagem no Mundo 2020) descreve a necessidade de mais investimentos em educação, condições de trabalho e liderança para profissionais de enfermagem, fortalecendo suas contribuições aos sistemas de saúde (OPAS, 2020).

Quando denominamos os profissionais da saúde de heróis, imaginamos ainda que durante seus cansativos plantões eles trabalham com super poderes. O que não é verdade, eles trabalham apoiados na ciência, na formação em saúde, na sistematização da assistência. É cognição e habilidade humana, portanto não se trata de heróis como a Mulher Maravilha ou Batman que aparecem nos momentos de catástrofe quando a humanidade não dá conta sozinha dos seus problemas.

Os cursos de formação na área da saúde promovem o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas assim como fomentam o caráter essencialmente relacional do cuidado, privilegiando a produção de sentidos resultante do encontro das subjetividades, de quem cuida e de quem é cuidado.

Não há super poderes, mas profissionais da saúde que trabalham diariamente suprindo nossas necessidades de saúde, mesmo fora das pandemias, lidando com inúmeras dificuldades como hospitais lotados, Sistema Único de Saúde sucateado, falta de infraestrutura, déficit de recursos humanos e microorganismos diversos.

No dicionário, o herói também é aquela pessoa de grande coragem, autora de grandes feitos, capaz de suportar exemplarmente infortúnios e sofrimentos, ou ainda que arrisca sua vida pelo dever. Mais uma vez não é isso que os profissionais da saúde são. Estes sujeitos são humanos com medos, angústias, tristezas que têm direito de enfraquecer, cansar, temer.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2020), estamos vivenciando o aumento nos sintomas de depressão e ansiedade em vários países devido à pandemia da COVID-19 e um estudo realizado na Etiópia em abril de 2020, relata o aumento de três vezes na prevalência de sintomas de depressão em comparação com as estimativas anteriores à epidemia. Os profissionais de saúde da linha de frente, além das mulheres, crianças, adolescentes, idosos e pessoas com condições de saúde mental pré-existentes, estão em risco particular.

Segundo Ornell et. AL. (2020), atualmente, devido a essa pandemia e ao aumento exponencial da demanda por assistência médica, os profissionais da saúde enfrentam longos turnos de trabalho, com infraestrutura precária e com a necessidade de usar EPIs que podem causar desconforto físico e dificuldade em respirar. Além disso, alguns profissionais podem sentir-se despreparados, para realizar a intervenção clínica de pacientes infectados com o novo vírus, sobre o qual pouco se sabe e para o qual não há evidências clínicas, protocolos ou tratamentos. Além disso, existe o medo da auto- inoculação e a preocupação com a possibilidade de disseminar o vírus para suas famílias. Todos esses fatores podem resultar em diferentes níveis de pressão psicológica, que podem desencadear sentimentos de solidão e desamparo ou uma série de estados emocionais negativos, como estresse, irritabilidade, fadiga física e mental e desespero, aumentando a chance de desenvolver transtornos psiquiátricos.

Empresas também estão explorando esse processo de heroificação dos profissionais da saúde para estimular suas vendas, agregando um significado positivo ao seu marketing ao gerar humanização da sua marca. Como exemplo, temos a empresa DuPont® que vende os EPIs e em seu site anuncia o slogan 'A proteção que todo herói merece'.

Assumir os trabalhos mais difíceis requer uma pessoa ainda mais resistente. Pois alguns trabalhos são reservados aos bravos, destemidos e heroicos. E para aqueles que se dedicam a superar os limites, o EPI da DuPont dedica-se a mantê-los protegidos – em cada etapa do caminho (DUPONT®, 2020).

Em meio à pandemia, empresas, governo e mídia tentam associar a todo o tempo suas imagens à do personagem principal que é o profissional da saúde, o mocinho da história que luta pela solução do problema, enquanto o antagonista (o vírus) procura causar mais conflitos e agravar a situação. Esta é uma

narrativa que cria uma conexão emocional com a mensagem e, segundo Shmitz, Orsso e Ribeiro (2019), quando bem utilizada contribui para o resultado positivo das campanhas publicitárias, atendendo aos diversos interesses. As propagandas capturam e alienam os sujeitos em sua rede de persuasão, produzindo um consumo massivo seja dos EPIs, do álcool em gel, de máscaras de tecidos com estampas diversas, de termômetros, entre outros, aumentando o lucro das empresas.

Moreira (2010) aponta que essas campanhas publicitárias possuem grande influência sobre a produção de subjetividades, produzindo hábitos e verdades. As propagandas possuem o poder de criar um diálogo quase unilateral com os sujeitos, reforçando esse processo de heroificação, sensibilizando e provocando uma internalização desse imaginário épico, que, por sua vez, cria uma rede de significações que podem gerar comportamentos de desresponsabilização da população diante do combate à transmissão do vírus e exigência de que os profissionais da saúde, e suas instituições formadoras, dêem conta da resolução dos problemas gerados pela emergência sanitária da COVID-19.

Ao contrário dos heróis, os profissionais da saúde não possuem a obrigação de arriscar suas vidas pela humanidade. Os mesmos devem sair para o trabalho e voltar pra casa em segurança, para os seus, para sua vida. Equipamentos de proteção individual e condições dignas de trabalho são imprescindíveis porque os profissionais da saúde podem morrer, não por criptonita ou um sabre de luz, mas por um vírus transmitido por gotículas que causa aguda infecção respiratória. Freire afirma que ao contrário dos animais que são “seres em si mesmos”, os seres humanos são “seres para si”. E que são desumanizados quando submetidos a processos que os tornem em “seres para o outro” (FREIRE, 1969). O processo de heroificação retira do profissional de saúde o direito de olhar para si, perceber seus limites, a necessidade de receber ajuda ou proteção, expondo-o, assim, ao risco e à morte.

As instituições de ensino na área da saúde precisam ter um projeto educativo pautado na humanização, o que implica reconhecer a desumanização, ainda que seja uma dolorosa constatação, e buscar a viabilização da humanização desde o processo formativo até a oferta do cuidado no contexto real, concreto, do Brasil. Nessa perspectiva, em termos de políticas públicas, a Política Nacional de Humanização se apresenta como uma estratégia de valorização dos usuários, trabalhadores e gestores, através de um projeto de corresponsabilidade, da criação de vínculos solidários, da participação coletiva nos processos de gestão e de produção de saúde. (PEREIRA; BARROS; AUGUSTO, 2011). O processo de heroificação dos profissionais aponta em uma direção oposta a isso, desumanizando o cuidador e deslegitimando o encontro das subjetividades (do profissional e do sujeito cuidado), o que se constituiria como um poderoso instrumento para a emancipação dos sujeitos e participação mais ativa da população na produção de sua saúde em meio à pandemia.

No dicionário Priberam *online* (2020), o herói é ainda aquela figura central de um acontecimento ou período, um protagonista. Não, os profissionais da saúde também não devem ocupar esse lugar. Eles

trabalham porque fizeram um juramento profissional, o que significa a sua adesão e comprometimento com a categoria profissional que escolheram e ao conjunto de regras estabelecidas adequadas para o seu exercício. Contudo, o enfrentamento da pandemia exige a articulação e comprometimento do coletivo, governo e sociedade civil.

Quando os profissionais da saúde se tornam os heróis, assumindo o papel de detentores de uma força ou de um saber que lhes possibilita realizar feitos irrealizáveis pelo homem comum, sintetiza o mito do super-homem e exercem sobre a sociedade, mais do que o fascínio, as condições para uma ideologia da dependência, onde em meio às medidas de prevenção para a transmissão do vírus, os não-heróis podem se desresponsabilizar, assumindo atitudes passivas ou mesmo aquelas que contrariam as recomendações de saúde como aglomerações e o não uso (ou uso incorreto) das máscaras faciais ou até mesmo o não provimento adequado dos hospitais com um número ideal de ventiladores mecânicos ou leitos de terapia intensiva, pois existe um herói salvador zelando por todos, na linha de frente.

Por fim, o dicionário Priberam *online* (2020) descreve ainda que herói é aquele que provoca admiração, um sentimento agradável que surge diante de algo extraordinário, acompanhado de consideração ou reverência. Embora seja este um sentimento de respeito, a sociedade não precisa de ídolos ou pessoas para venerar. Em meio a esta pandemia, a sociedade precisa entender a importância do profissional da saúde e admirá-lo, mas acima de tudo, respeitá-lo reconhecendo o seu papel no cuidado à saúde do coletivo, mesmo fora da pandemia. Se compreendermos como suas atividades em equipe cotidianamente são necessárias, por que apenas os profissionais médicos são socialmente admirados e respeitados fora da pandemia? Por que a enfermagem ainda não tem sua jornada de trabalho regulamentada no Brasil? Por que muitas profissões da saúde não têm legalmente um piso salarial? Por que durante um protesto pacífico em Brasília, enfermeiros foram agredidos quando apenas homenageavam colegas mortos pela COVID-19 e defendiam o isolamento social como forma de combate ao avanço da doença, não havendo uma intensa resposta da sociedade em defesa destes importantes profissionais (JORNAL O GLOBO, 2020)? Seria porque heróis existem para proteger e cuidar, não precisando de proteção e cuidados? Pois bem, chamá-los de profissionais da saúde, ao invés de heróis, não nos permite desumanizá-los e reafirma o significado da ética, da ciência, da competência e do profissionalismo que permeiam todo o cuidado em saúde.

Uma pesquisa realizada pelo Centro de Análise Global de Doenças Infecciosas (MRC, na sigla em inglês) estima que as medidas de distanciamento social no Brasil têm conseguido frear apenas metade do avanço esperado pela pandemia no país, o que significa que a velocidade de contágio ainda é crescente (JORNAL CORREIO BRAZILIENSE, 2020). Neste contexto, Ornell et. AL. (2020) afirmam que mais estratégias de proteção à saúde devem ser assumidas para os profissionais da saúde. Se não forem

priorizados, além do possível colapso do sistema de saúde, os profissionais correm o risco de sofrer um colapso emocional e transtornos de estresse pós-traumático.

Como estratégias complementares, os autores apontam ser possível estabelecer parcerias com instituições da sociedade civil e implementar sistemas de assistência remota. Atualmente, diferentes iniciativas estão sendo desenvolvidas por universidades e clínicas privadas de saúde mental, para fornecer suporte telefônico para profissionais da saúde. Ações que não nos permite esquecer que somos humanos cuidando de humanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heroificação dos profissionais da saúde serve a vários propósitos. Inicialmente, atende às expectativas de milhares de cidadãos angustiados pela pandemia da COVID-19 e suas letais consequências, trazendo sentimentos de amparo, cuidado e assistência. Entretanto, esse papel de super-herói tem como consequência a desumanização desse profissional e lhe retira direitos humanos básicos como segurança, saúde e proteção.

A divulgação midiática da ideia do profissional da saúde como um herói contribui para produzir um tipo de subjetividade marcada por uma individualidade e um sentimento de auto-suficiência o que, por sua vez, pode induzir a uma limitada abordagem uniprofissional, no processo de saúde-doença, contrariando o que é preconizado pelo Sistema Único de Saúde. Desse modo, as instituições formadoras em saúde, apesar de serem atravessadas pelas construções sociais, precisam exercer seu papel de produtoras de subjetividade pautada em um cuidado integral em saúde, no trabalho em equipe multiprofissional e na política de humanização.

A ideia do profissional da saúde enquanto herói no imaginário social atende ainda ao capital, que, ao fornecer tecnologias, não objetiva exclusivamente a melhoria da qualidade da assistência à saúde, mas também busca a obtenção de vantagens econômicas para setores industriais e comerciais que suprem as demandas tecnológicas geradas pela emergência sanitária. Nesse contexto, as empresas que possuem uma narrativa de marketing com melhor conexão emocional com o controle da pandemia podem conseguir maior vantagem econômica no mercado. Por fim, o herói pode servir ainda para que governos, mídia e sociedade civil se desresponsabilizem frente às diversas medidas de controle do novo coronavírus, pois existe um salvador na linha de frente da batalha.

Transformar profissionais da saúde em heróis consiste em um processo perigoso e por vezes letal, não apenas para eles, mas para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de ciência, tecnologia, inovação e insumos estratégicos em saúde. **Diretrizes para diagnóstico e tratamento da COVID-19**. Brasília, 2020a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus/Brasil**. Brasília, 2020b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em: 17 mai. 2020b.

BRASIL. **Medida Provisória nº 927**, de 22 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Diário Oficial [da] República Federativa, Brasília, DF, 2020c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Mpv/mpv927.htm. Acessado em: 15 mai. 2020.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). Trabalho indecente leva país a recorde de morte de profissionais de enfermagem. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/trabalho-indecente-leva-pais-a-recorde-de-morte-de-profissionais-de-enfermagem-c2ad> Acessado em: 17 mai. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Brasil ultrapassa EUA em mortes de profissionais de Enfermagem por Covid-19. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-ultrapassa-eua-em-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_79624.html Acessado em: 08 mai. 2020.

CORRÊA, L. R. A. **Os Super-Heróis como propaganda de Guerra**: os quadrinhos e a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://medium.com/@historiaemrede/os-super-her%C3%B3is-como-propaganda-de-guerra-os-quadrinhos-e-a-segunda-guerra-mundial-d5f8ec91d94>. Acessado em: 17 mai. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/heroi>. Acessado em: 15 mai. 2020.

DUPONT. A proteção que todo herói merece. Disponível em: <https://www.dupont.com.br/personal-protective-equipment.html>. Acessado em: 17 mai. 2020.

FREIRE, P. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, v.4, n.9, p. 123-32, 1969.

INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES (ICN). Disponível em: <https://www.icn.ch/>. Acessado em: 17 mai. 2020.

JORNAL CORREIO. Homenagem aos heróis da vida real. Disponível em: https://correio.rac.com.br/_conteudo/2020/05/campinas_e_rmc/936693-homenagem-aos-herois-da-vida-real.html. Acessado em: 15 mai. 2020.

JORNAL DE BOAS NOTÍCIAS. Em pandemia, Marvel homenageia farmacêuticos para celebrar dia do super-herói. Disponível em: <https://jornaldeboasnoticias.com.br/pandemia-marvel-homenageia-farmaceuticos-no-dia-do-super-heroi/>. Acessado em: 17 mai. 2020.

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE. Transmissão da COVID-19 segue crescendo no Brasil mesmo com quarentenas. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/08/interna-brasil,852773/transmissao-covid-19-segue-crescendo-no-brasil-mesmo-com-quarentenas.shtml>. Acessado em: 16 mai. 2020.

Jornal o Globo. Em protesto em Brasília, enfermeiros são agredidos por apoiadores de Bolsonaro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/em-protesto-em-brasilia-enfermeiros-sao-agredidos-por-apoiadores-de-bolsonaro-24406003>. Acessado em: 17 mai. 2020.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**. Salvador: EDUFBA; 2012.

MAGALHÃES, H. G. D.; SILVA, L. H. O. S.; BATISTA, J. Do herói ficcional ao herói político. **Ciências & Cognição**, v.12, p.18-30, 2007.

MARGARITES, A. P. F; SPEROTTO, R. I. Subjetividade e Redes Sociais na Internet: Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 9, n.1, 2011.

MOREIRA, J. O. Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. **Psicol. Am. Lat.**, n. 20, 2010.

OBSERVATÓRIO DA ENFERMAGEM. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>. Acessado em: 1 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Disponível em: <https://www.who.int/>. Acessado em: 1 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/en>. Acessado em: 17 mai. 2020.

ORNELL, F. et. al. *The impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of healthcare professionals*. **Caderno de Saúde Pública**, v.36, n.4, p.01-06, 2020.

PEREIRA, T. T. S. O.; BARROS, M. S. N.; AUGUSTO, M. C. N. A. O Cuidado em Saúde: o Paradigma Biopsicossocial e a Subjetividade em Foco. **Mental**, v.9, n.17, 2011.

Portal Terra. Nova obra de Banksy mostra enfermeira britânica como super-heroína. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/nova-obra-de-banksy-mostra-enfermeira-britanica-como-super-heroína,1a1764116e6b1c0506049c5da2f353d59bjwbia.html%3E>. Acessado em: 10 mai. 2020

REBLIN, I. A. Para o alto e avante!- Mito, religiosidade e necessidade de transcendência na construção dos super-heróis. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo**, v.07, p.32-50, 2005.

SCHMITZ, W. M.; ORSSO, L. V.; RIBEIRO, M. R. P. O uso do Storytelling e Jornada do Herói em Campanhas Publicitárias. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2019, p.14.

SCHOTTEN, R. A. **Um líder, um vendedor de sonhos**: o processo de heroificação de Luiz Inácio Lula da Silva. 2014. 20p. (trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, 2014.

TELESSAÚDE RS. **Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?** Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acessado em: 17 mai. 2020.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

FERREIRA, Suiane Costa. Do perigo em se criar heróis: a desumanização dos profissionais da Saúde em meio à pandemia. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 63-76, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10286>. Acesso em: dd mmm. aaaa.